

**Escola de Sociologia e Políticas Públicas**

***Slow Journalism Movement***  
**«Out of Eden Walk» de Paul Salopek**

Maria Margarida de Andrade Silva – nº 65693

Unidade Curricular: Estudos Críticos e Deontologia dos Media

Docente: Professor Adelino Gomes

Pós-Graduação em Jornalismo ISCTE/Media Capital

10 de março de 2014

## Índice

Introdução .....	3
1. Um tempo real cada vez mais lento .....	4
1.1. Os princípios dos Slow Media .....	5
2. Um passeio para lá do Paraíso .....	6
2.1 O jornalista .....	6
2.2. A caminhada .....	6
2.3. O trabalho jornalístico.....	6
2.4. A evolução tecnológica ao ritmo das passadas históricas.....	7
3. Outros projetos de Slow Journalism.....	8
Conclusão .....	10
Bibliografia.....	11

## Introdução

O presente trabalho resulta de uma curta reflexão sobre um dos novos movimentos de comunicação social, o Slow Journalism, que faz um claro contraponto às formas comuns de fazer notícias. Pela via virtual, junta meios áudio, visuais e escritos, com potencial e consequências distintas da imprensa escrita ou da comunicação jornalística em televisão ou rádio.

A reflexão começa e acaba no elemento mais destacado deste novo movimento – o tempo – e procura analisar um dos mais importantes testemunhos deste movimento, o trabalho Out of Eden Walk, de Paul Salopek, fazendo uma pequena comparação com um outro trabalho, The Sochi Project.

## 1. Um tempo real cada vez mais lento

Vivemos hoje numa era de acesso fácil e rápido à informação. «Produzir em tempo real» parecem ser as palavras de ordem no jornalismo: estar em cima do acontecimento, reportá-lo de imediato, atualizá-lo ao minuto. A internet, ao constituir-se como uma plataforma *online*, disponível para todos aqueles que têm ligação à rede, tem a sua quota-parte de culpa na atual conjuntura – a internet «encurtou» o tempo, tornou-o muito mais fugaz. Agora, o mais importante parece ser «chegar primeiro que os outros». Este fenómeno tem vindo a ser assimilado pelas sociedades, gerando um frenesim de informação e um amontoado de dados.

A imprensa escrita, as rádios e as televisões têm que aprender a acompanhar este processo. A passagem de redacções físicas para «*backoffices*» alojados na *web* é um dos resultados desse ajuste. O armazém de dados que é hoje a internet massifica e dissemina a produção de conteúdos e permite a qualquer utilizador conhecer aquilo que se passa em qualquer ponto do planeta, em poucos cliques.

Numa época e num tempo cada vez mais acelerados, a oferta de informação e de notícias é gigantesca. No entanto, quando há um cenário que impera, estão criadas as condições para a formação de uma contracorrente: o oposto do jornalismo feito para saciar uma aparente sede inesgotável de informação, designa-se «*Slow Journalism*».

O *Slow Journalism* representa tudo aquilo que o jornalismo dito rápido e em tempo real, perde. No jornalismo lento privilegia-se o tempo e a sabedoria. Um artigo na revista *New Yorker* define-o como «o modo de fazer reportagens ao ritmo humano de três milhas por hora». Para o grupo de jornalistas do projeto *Storyology*, o *Slow Journalism* dá «a cada história o espaço e o tempo necessários para que tenham impacto». Esta espécie de «abordagem desacelerada» relata histórias com a mesma duração com que elas realmente acontecem, não as remetendo a apenas um ou dois minutos num ecrã de televisão, a meia página num jornal diário, a um efémero *link* do vasto mundo *online* ou a meia dúzia de palavras no boletim da rádio.

A atual fixação com o imediato pode levar um jornalista a perder uma história muito mais ampla e interessante (Zamora, 2012) – um imediato que aparenta ser quase sinónimo de importante. Favorece-se o rumor em prol do jornalismo em tempo real, «para que nada escape». O que escapa, por vezes, é a verdade e os leitores estão cada vez mais desapontados com o trabalho jornalístico dos profissionais (Zamora, 2012). Nas palavras de Dan Gillmor (2009), especialista de novos media e diretor da escola de jornalismo *Knight Center*, «quanto mais as notícias aceleram, mais lentamente eu me inclino a acreditar nelas». O autor de «*We, the media*» sugere que os leitores «respirem fundo antes de tirarem conclusões precipitadas».

O Slow Journalism não combate as notícias ao minuto porque não lhes retira espaço. São dois tipos de produção de conteúdo noticioso que convivem em simultâneo. Ainda que o jornalismo lento esteja a ganhar adeptos à medida que o «tempo real» avança.

### 1.1. Os princípios dos Slow Media

A plataforma alemã Slow Media, que promove a sustentabilidade no consumo de informação e a produção desacelerada de notícias, definiu alguns princípios pelos quais o jornalismo lento se rege e, inclusive, se define.

Num manifesto publicado no *website* oficial, a plataforma fala dos media lentos como meios de partilha e apresenta um cenário para a atual conjuntura. Para o grupo, na segunda década do século XXI, aquela em que hoje vivemos, as populações já não procuram novas tecnologias que lhes permitam produzir conteúdo mais rapidamente e a baixo custo. Hoje, é necessário adequar as reações dos públicos a esta revolução tecnológica, no panorama político, cultural e social. O Slow Journalism e os Slow Media são, precisamente, os «instrumentos» que conseguem elevar a opinião pública, já que veem na audiência uma importante colaboradora.

Os princípios, ou ideias gerais, evocados pela plataforma dizem respeito ao contributo dos Slow Media para a sustentabilidade, a atitude anti-multitasking que os caracteriza, o respeito pelos utilizadores, o carácter intemporal dos trabalhos jornalísticos e o enfoque na qualidade – uma qualidade que deve ser quase «palpável».

### 1.2. Os primórdios

Vários autores apontam o «Slow Food Movement» como o desencadeador de todo o movimento «Slow». Em 1986, depois de protestos à porta daquele que seria o novo McDonalds da cidade de Roma, é criado o movimento de comida lenta. Três anos mais tarde a ação é oficializada e nasce assim um movimento que ainda hoje promove comida «boa, limpa e justa», e que se opõe à globalização e estandardização do setor alimentar.

Ao longo dos anos, têm surgido cada vez mais «movimentos de desaceleração», que fomentam a ideia de viver ao ritmo da própria vida e não ao ritmo do relógio. O jornalismo lento entra neste grupo a partir dos anos 2000. Por volta de 2006, já as universidades organizam palestras com jornalistas para discutir a temática do Slow Journalism junto dos alunos. É também nesse ano que os jornalistas Nicholas Kristof e Naka Nathaniel fazem várias viagens ao Chad e ao Sudão. O genocídio praticado no Darfur é denunciado e reportado de forma segmentada, ao estilo do jornalismo lento. São publicadas, no The New York Times, histórias de vida de pessoas afetadas, fotografias, vídeos, textos e pequenas colunas. Os jornalistas dão ainda ao público um importante papel no processo de contar esta história. Pedem-lhes que enviem opiniões, poemas e cartas.

Este é um exemplo da produção de jornalismo lento por Kristof e Nathaniel: contaram uma história de forma estruturada, espaçada, apresentando todos os elementos que facilitem a compreensão do fenómeno ao leitor e apoiaram-se no público não só como fonte de informação mas também como agentes para o prolongamento da comunicação.

Os jornalistas deixaram um legado que ainda hoje pode ser consultado e que continua a inspirar outros profissionais. Exemplo recente é o de «Out of Eden Walk», do jornalista americano Paul Salopek, um dos mais ambiciosos projetos de Slow Journalism.

## 2. Um passeio para lá do Paraíso

### 2.1 O jornalista

Paul Salopek é um jornalista americano de 52 anos, vencedor de dois prémios Pulitzer. O primeiro foi-lhe atribuído em 1998, na categoria de Jornalismo Explanatório. A publicação de dois controversos artigos sobre «O Projeto da Diversidade do Genoma Humano» valeram-lhe o galardão. Os artigos foram publicados no Chicago Tribune, jornal do qual era correspondente e com o qual voltou a ganhar um Pulitzer, em 2001. Desta feita, na categoria de Jornalismo Internacional, com dez reportagens sobre conflitos políticos e epidemias que assolavam África no ano de 2000.

Em 2013, Salopek iniciou outra aventura: uma viagem de sete anos que começou em janeiro do ano passado e terminará apenas em 2020. Paul Salopek (2013) quer «refazer, a pé, os caminhos dos primeiros homens, anatomicamente modernos, que saíram de África».

### 2.2. A caminhada

Out of Eden Walk é o nome do projeto do jornalista. Paul Salopek vai percorrer, a pé, os mesmos trinta e quatro mil quilómetros que os primeiros homens da Terra perfizeram há cerca de sessenta mil anos. Com início na Etiópia e fim na Tierra del Fuego, o território mais ao sul do continente americano, a caminhada promete «pressionar os limites da comunicação num mundo onde há demasiada informação e pouco significado» (Salopek, 2013).

Para Salopek, a viagem «está mais relacionada com o futuro, que com o passado», já que este último está a ser utilizado apenas como se fosse um «mapa das estradas» a percorrer (NPR, 2013).

### 2.3. O trabalho jornalístico

Paul Salopek relata, de 160 em 160 quilómetros, aquilo que está a viver ao longo do percurso. Cada mensagem é deixada no *website* oficial do Out Of Eden Walk, um local na *web* que funciona em parceria com a National Geographic. A ideia inicial era a de fotografar sempre o solo e o céu do território em que se encontra o jornalista, gravar o som ambiente que o rodeia e fazer uma breve (e padronizada) entrevista à pessoa que lhe esteja mais próxima no

momento. As mensagens que são, de facto, publicadas integram alguns destes elementos, mais ou menos explorados, aliados a uma escrita complexa, com alguns apontamentos literários.

É também apenas em algumas etapas que Salopek publica vídeos, de pouco mais de um minuto, com imagens do espaço onde se encontra. A produção dos mesmos é feita à distância: está a cargo de Patrick Wellever, coordenador de media digitais em Harvard.

Salopek está a documentar as passadas dos ancestrais do Homem. O jornalista quer ir contra o fluxo informacional da atualidade e «tentar abrandar as pessoas» (Salopek, 2013). O homem-caminhante e o homem-jornalista encontram-se neste ponto. Paul Salopek está a praticar jornalismo porque está a contar uma história: plasma as pegadas históricas dos antepassados, na atualidade.

Ainda que a atividade jornalística esteja inerente aos relatos de Salopek, o autor afasta-se, evidentemente, do conceito de jornalismo rápido. As mensagens são publicadas semanalmente ou quinzenalmente e relatam acontecimentos que ocorreram há mais de 100 quilómetros - isto é, há uma série de dias. Por não haver uma atualização assídua de conteúdos, o público cria expectativas e vê-se «obrigado» a esperar pelo próximo relato, sem nunca saber quando surgirá.

Os textos são escritos com uma linguagem elaborada e reflexiva. Neste aspeto, Salopek volta a distanciar-se do jornalismo global, que se pauta, genericamente, por uma escrita mais clara e acessível, do ponto de vista da compreensão. Os relatos do jornalista assemelham-se, em alguns momentos, a trechos de diário de bordo de uma longa viagem. O nível de complexidade da linguagem utilizada, o uso de algumas comparações mais literárias ou a inclusão de citações de outros autores, conferem às publicações deixadas no *website*, um carácter quase mais literário que jornalístico.

No entanto, Salopek mantém o carácter jornalístico dos relatos, ao «procurar histórias escondidas de pessoas que raramente são notícia» (Salopek, 2013), que trata e escreve, e ao garantir que os textos noticiam algo de novo ou desconhecido, ou seja, informação 100% exclusiva, que não provém de agências noticiosas distribuidoras.

#### **2.4. A evolução tecnológica ao ritmo das passadas históricas**

Em oposição às características enumeradas no capítulo anterior, as ferramentas multimédia utilizadas por Paul Salopek fortalecem a vertente de «jornalismo do presente». As pegadas históricas aliam-se à atual tecnologia, começando pelo facto do projeto ter na internet a base para a divulgação dos textos e outros produtos noticiosos e, por conseguinte, de todos os passos de Salopek.

Out of Eden Walk é um projeto que está alojado em dois *websites*. Num deles, Salopek apresenta toda a ideia por detrás da caminhada. O jornalista expõe os mapas que lhe servem e

servirão de guia durante os próximos (agora) seis anos, publica alguns vídeos e fotografias e transforma o *website* numa plataforma de interação entre parceiros do projeto, utilizadores do ciberespaço e o próprio jornalista. Num segundo local da *web*, o Out of Eden Walk aparece diretamente relacionado com a célebre revista National Geographic. É nesta página que Paul Salopek publica os relatos de cada expedição, designados «Dispatches from the field».

Acompanhado por um computador ultraleve, um telefone com satélite, um telemóvel básico, uma câmara que filma e fotografa e um gravador de áudio, Paul Salopek acredita ter todos os instrumentos necessários para levar as histórias de quem encontra, mais longe (NPR, 2013). De um modo quase irónico, a evolução da caminhada histórica do jornalista e a evolução tecnológica acontecem em simultâneo. Se o desenvolvimento da tecnologia continuar ao mesmo ritmo dos últimos anos, em 2020, os aparelhos que Salopek transporta hoje com ele, serão considerados ultrapassados e obsoletos.

Apesar de a viagem contar com o passado como motor de arranque, o futuro tem um peso maior na análise do jornalista: «quando comecei esta caminhada, apenas 35% do mundo estava ligado à internet. Quando chegar à Patagónia, em 2020, prevê-se que este número já esteja nos 80% ou 90%» (NPR, 2013).

### 3. Outros projetos de Slow Journalism

Uma rápida pesquisa de outros projetos de Slow Journalism, permite destacar um - The Sochi Project – que embora muito diferente na motivação e nos conteúdos, reúne uma série de características que o colocam a par do trabalho de longo prazo de Salopek.

The Sochi Project é um projeto criado na sequência da atribuição dos Jogos Olímpicos de Inverno de 2014 à Rússia, na estância balnear de Sochi, um território anexado pela Rússia imperialista, mantido pela Rússia soviética e foco de movimentos independentistas na Rússia de hoje. O primeiro objetivo manifestado pelos seus criadores, um fotógrafo e um escritor/realizador não russos, é o de denunciar a postura imperialista da Rússia atual e de Putin em particular e, a partir daí, defender ideais sociopolíticos que vão em direção contrária da política russa na matéria.

Os conteúdos, em texto, fotografia e pequenos vídeos, afirmam essas ideias, dando voz a movimentos de defesa de direitos, ao mesmo tempo que admitem depoimentos de outros jornalistas e recolhem depoimentos de habitantes locais e visitantes/turistas russos que espelhem o pensamento da população russa, nem sempre coincidente com o pensamento veiculado pelos autores e outros jornalistas, e promovem a pesquisa e apontamentos da história passada e mais recente do território.

É, precisamente, a conjugação ao longo do tempo do projeto, iniciado em 2009, dos diversos textos, fotografias e vídeos, que conduzem a uma compreensão muito completa da



situação atual de Sochi e do território que a circunda, permitindo, em última análise e em liberdade, a formação de opinião esclarecida por parte dos leitores.

Tal como Out of Eden Walk, este é um tipo de jornalismo que veicula sensibilidades, história, factos atuais e até ideias e que, ao acontecer num tempo longo, permite a educação/formação de uma opinião pública, dando o espaço e a liberdade à formação de ideias e opiniões iguais ou diferentes das que são aí veiculadas.

## Conclusão

O Slow Journalism pode ser resumido como uma forma de comunicação que conta com o tempo para:

1. Fazer chegar quantidades suficientes de informação que garantam a qualidade da mesma pela diversidade de fontes, contributos e meios;
2. Elaborar sobre as ideias e os factos relatados de modo a suscitar outras e novas reflexões por parte do público;
3. Contribuir para formação da opinião pública e até mudanças de mentalidade no que à cultura de uma sociedade diz respeito.

O Slow Journalism, é então enriquecido pela dimensão tempo, chegando a enquadrar expressões artísticas sobre os temas, de tal modo que o diário de bordo de Salopek parece por vezes um texto mais literário que jornalístico e as fotografias e outras imagens de Out of Eden Walk e The Sochi Project têm seguramente impacto estético.

Por tudo o que foi dito, parece adequado afirmar que o Slow Journalism pode ser visto como uma abordagem apenas possível em regimes democráticos que privilegiam a educação sobre a ignorância e o tempo dos processos sobre o imediatismo dos acontecimentos, como meios para a constante procura de sentido e qualidade para a vida, processos estes que integram o movimento maior de evolução das sociedades.

## Bibliografia

### Artigos online:

Bentonm, Joshua (2013). *Paul Salopek's slow-journalism walk around the worls earns nonprofit status from the IRS*. Disponível em: <http://www.niemanlab.org/2013/03/paul-salopeks-slow-journalism-walk-around-the-world-earns-nonprofit-status-from-the-irs/>, consultado a 20-02-2014

Ellis, Justin (2013). *When j-school goes online: Putting journalism education in front of a massive audience*. Disponível em: <http://www.niemanlab.org/2013/01/when-j-school-goes-online-putting-journalism-education-in-front-of-a-massive-audience/>, consultado a 20-02-2014

Gillmor, Dan (2009). *Toward a Slow-News Movement*. Disponível em: <http://mediactive.com/2009/11/08/toward-a-slow-news-movement/>, consultado a 20-02-2014

Kristof, Nicholas D. (2006). *The Genocide in Darfur*. Disponível em: <http://www.nytimes.com/video/opinion/1194817106526/the-genocide-in-darfur.html?action=click&module=Search&region=searchResults%232&version=&url=http%3A%2F%2Fquery.nytimes.com%2Fsearch%2Fsite%2Fsearch%2F%3Fvertical%3Dvideo%2F%23%2Fnaka%2Fsince1851%2Fvideo%2F%2Fallauthors%2Foldest%2F>, consultado a 26-06-2014

Kristof, Nicholas D. (2007). *We Have a Winner... 'Your Turn': The Darfur Genocide*. Disponível em: <http://kristof.blogs.nytimes.com/2007/01/19/we-have-a-winner-your-turn-the-darfur-genocide/?scp=1&sq=nicholas%20kristoff%20darfur%20contest&st=cse>, consultado a 26-02-2014

National Geographic (2013). *About the Journey*. Disponível em: <http://outofedenwalk.nationalgeographic.com/about/>, consultado a 02-02-2014

NPR Staff (2013). *What Do You Pack For A Seven-Year Trip?* Disponível em: <http://www.npr.org/2013/01/10/168961210/what-do-you-pack-for-a-seven-year-trip>, consultado a 18-02-2014

Osnos, Evan (2013). *On Slow Journalism*. Disponível em: <http://www.newyorker.com/online/blogs/comment/2013/01/on-slow-journalism.html>, consultado a 20-02-2014

Out of Eden Walk (2013). Disponível em: <http://www.outofedenwalk.com/>, consultado a 01-02-2014

Out of Eden Walk (2013a). *About the Project*. Disponível em: <http://www.outofedenwalk.com/page/about/>, consultado a 01-02-2014

Paul Salopek (2013). *Out of Eden Walk - Dispatches from the field from Paul Salopek*. Disponível em: <http://outofedenwalk.nationalgeographic.com/>, consultado a 01-02-2014

Paul Salopek (2014). *Out of Eden Walk - Dispatches from the field from Paul Salopek*. Disponível em: <http://outofedenwalk.nationalgeographic.com/>, consultado a 01-02-2014

Pulitzer (data desconhecida). *The 2001 Pulitzer Prize Winners - International Reporting*. Disponível em: <http://www.pulitzer.org/biography/2001-International-Reporting-Group2>, consultado a 20-02-2014

Slow Food (2014). *About us*. Disponível em: <http://www.slowfood.com/international/1/about-us>, consultado a 20-02-2014

Slow Media (2010). *The Slow Media Manifesto*. Disponível em: <http://en.slow-media.net/manifesto>, consultado a 20-02-2014

Storyology (data desconhecida). *The Rise Of Slow Journalism: Noah Rosemberg on Storytelling The Narrative.ly Way*. Disponível em: <http://www.storyology.org.au/news/the-rise-of-slow-journalism-noah-rosenberg-on-storytelling-the-narrative-ly-way>, consultado a 20-02-2014

Straziuso, Jason (2013). *Paul Salopek Walk Around The World: American Journalist Begins Epic Trek*. Disponível em: [http://www.huffingtonpost.com/2013/01/10/paul-salopek-walk-around-the-world\\_n\\_2447434.html](http://www.huffingtonpost.com/2013/01/10/paul-salopek-walk-around-the-world_n_2447434.html), consultado a 18-02-2014

The Sochi Project (2013). *The Summer Capital*. Disponível em: <http://www.thesochiproject.org/en/chapters/the-summer-capital/>, consultado a 25-02-2014

The Sochi Project (2013a). *The Sochi Project, Photographs by Rob Hornstra, Texts by Arnold van Bruggen*. Disponível em: <http://www.thesochiproject.org/en/about/>, consultado a 25-02-2014

Zamora, Amanda (2012). *From real time to slow social*. Disponível em: <http://www.niemanlab.org/2012/12/from-real-time-to-slow-social/>, consultado a 20-02-2014